

LINGUAGEM E IMAGEM: NUMISMÁTICA COMO DOCUMENTO

Claudio Umpierre Carlan*

Resumo: o artigo começa com apresentação da moeda como documento histórico e a organização da numismática como disciplina científica, no século XIX. Utilizamos como modelo, as cunhagens realizadas em Roma, durante período conhecido como Antiguidade Tardia.

Palavras-chaves: Moeda; política; Roma.

THE IMAGINARY MONETARY AND ICONOGRAPHY

Abstract: the paper begins with the presentation currency as a historical document and organization of numismatics as a scientific discipline in the XIX century. We use as a model, the coins minted in Rome, during the period known as Late Antiquity.

Key-words: coins, politics, Rome.

* Pós Doutorando em Arqueologia (Nepam - Unicamp), professor adjunto 3 de História Antiga da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), professor do Mestrado Profissional em História Ibérica (PPGHI) membro do grupo de pesquisa Arqueologia Histórica da Unicamp.

Introdução

Linguagem e propaganda em Roma, estavam intimamente ligadas às cunhagens monetárias. As moedas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação dos documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na compreensão dessas mensagens simbólicas descritas no *corpo* das amoedações.

Com frequência, o tipo monetário de reverso (conhecido por nós como *coroa*) mostra determinada estátua, representando uma divindade (*Hércules, Virtude, Júpiter*, a própria cidade de Roma, a *VRBS...*), uma construção (muralhas, campo militar, portões de uma fortaleza), cenas de batalha (imperador derrotando seus inimigos), exército (um ou dois legionários montando guarda), casamentos, uniões dinásticas, tentativa de legitimar um determinado poder. Na maioria dos casos, acompanhado de legendas, inscrições no campo monetário, que podem identificar, ou não, a imagem.

A numismática, ou ciência que estuda as moedas e medalhas, durante muitos anos, foi analisada pelos historiadores sob o prisma de mercadoria, objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a História Social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade ao nível de salários, custo de vida e os consequentes comportamentos coletivos perante estes.

O estudioso da moeda se tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente este ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

Como exemplo, podemos analisar essa moeda de Constantino I, o grande.

Linguagem e Imagem



Foto: Cláudio Umpierre Carlan. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maio de 2006.

Constantino mandou cunhar essa peça, por ocasião do aniversário de 20 anos de governo. Essas festividades, denominadas *vicennalia*, segundo retórico cristão do século IV, Lactâncio, foi realizada pela primeira vez por Diocleciano, comemorando os 20 anos da Tetrarquia (285 - 305). Porém, pode ser comemoração de 20 de anos de qualquer movimento. A palavra é um adjetivo que significa algo que acontece a cada 20 anos. Em português, *vicenália*, é uma festa comemorativa de vinte anos.

Depois da crise do terceiro século, no qual a permanência do imperador no poder era uma dúvida frequente, Diocleciano resolveu marcar os 20 anos dos tetrarcas com uma festa única, cunhando várias moedas com essa mensagem. Uma coroa de louros, simbolizando glória e vitória, com XX ao centro. Constantino se alto declarava herdeiro desse sistema, usou da mesma linguagem. Em 336, imperador cunhará outra peça, com os dizeres XXX, comemorando 30 anos de governo. Algo raro para época.

A escolha da moeda também foi decisiva, verdadeiro jogo político. Um *aes*, pequena moedação de bronze (tamanho das nossas de 10 centavos), uma das cunhagens mais antigas de Roma, criadas para pagamento dos legionários, durante República. Uma numária popular, com uma circulação

muito intensa. Todos no vasto Mundo Romano, tomariam conhecimento do aniversário de governo. A mensagem estava feita, em uma linguagem que todos entenderiam: a iconográfica.

Moeda / Documento

Cabe ao historiador identificar e definir as suas fontes, pois o documento não é inócuo é, segundo Le Goff, "...uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram... esforço para as sociedades históricas para impor ao futuro...determinada imagem de si próprias..." (LE GOFF: 1984, 103). É necessário haver uma interdisciplinaridade para ser realizada uma desmontagem da ambivalência documento / monumento, através do próprio ambiente que o produziu, auxiliado pela arqueologia, e não baseado em uma única crítica histórica.

De uma maneira geral, o estudo das amoedações, na Antiguidade, se divide em dos estágios diferentes entre si: teórica ou doutrinal, estuda os fundamentos da ciência, como a nomenclatura, as bases de classificação e outras generalidades (CLAIN – STEFANELLI: 1984, 121); e histórica e descritiva, que analisa e identifica o desenvolvimento da moeda nos diferentes povos do mundo, classificando e descrevendo suas distintas emissões monetárias (GRIERSON: 1979, 35).

Nesse sentido, a numismática não está restrita aos museus, apesar de durante décadas ficar "presa" a catálogos, e acervos guardados a sete chaves. Ela parte de um interesse mais amplo, colaborando com diversas disciplinas, auxiliando nas mais variadas pesquisas, tanto arqueológicas, quanto relacionadas com a Antiguidade Clássica ou demais períodos históricos. Um veículo propagandístico, com mensagens, arte, religião (magias e superstições), ideologia e política, ideia defendida por Eckhel, no

Linguagem e Imagem

século XVIII, considerado por muitos como fundador da numismática como ciência.

Joseph Hilarius Eckhel, nasceu em Enzesfeld, nordeste da Áustria, em 1737. Era filho do administrador do príncipe de Montecuccoli, nobre austríaco de origem italiana. Teve uma forte formação jesuíta, entrando para ordem no ano de 1764. Enviado para Florença, estudou e analisou, o tesouro numismático do cardeal Leopoldo de Médici (1617 – 1675). Em 1775, retorna a Viena e assume a direção do Gabinete Numismático Imperial, sendo nomeado professor de Antiguidade e de ciências auxiliares da História (Universidade de Viena).

Eckhel utilizou um novo critério para organização dos acervos numismáticos antigos. Não mais em ordem alfabética, como era o costume na época, mas sim em dois departamentos distintos: moedas gregas, cunhadas em cidades gregas ou sobre sua influência, a que são adicionadas regiões da Península Ibérica, Ásia e África, com base no contato dessas civilizações com o Mar Mediterrâneo. E moedas romanas, cunhadas sob a autoridade de Roma, em todo o império, seguindo ordem cronológica de cunhagem.

Ainda nesse período, escreveu *Catalogus Musei Caesariensis*, analisando a coleção do Gabinete Numismático da Áustria Imperial, tendo como base científica seu novo método. Sua obra mais importante, foi escrita entre 1792 – 1798, é a *Doctrina Numorum Veterum*, Doutrina das Moedas Antigas, dividida em oito volumes e que serviu de modelo para a organização dos gabinetes numismáticos europeus e americanos.

Algo mais que um meio de comunicação, ou de exposição dos grandes mistérios da mitologia, religião, poder, ideologia e política, a revolução da imagem inicia outros caminhos. A exposição pública passa ser contemplada em salões e museus. Sendo a moeda um objeto fabricado

Cláudio Umpierre Carlan

pela mão do homem, o metal utilizado para fabricação das peças, como também as gravuras e legendas, trazem à luz a História Política e das Artes. Já a circulação monetária, auxiliada por um trabalho metodológico de conhecimento das técnicas de análise, são de ajuda fundamental para o estudo da História Econômica.

Nas amoedações mais antigas seu trabalho chega a ser artesanal. Certas emissões possuem características próprias, como podemos notar no modelo abaixo.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maio de 2006.

Constantino, representado no anverso (origem da palavra “cara”), *legenda CONSTANTINVS PF AVG*, com diadema, que identifica o imperador, armadura ou couraça. Em geral, essas peças são denominadas de encouraçada. Reverso, coroa, dois legionários, em guarda, do estandarte, representa a III Legião.

Na legenda de anverso, *CONCORDIA MILITVM*, cunhada em Roma, homenageando o exército. A Concórdia, divindade romana que representa a

Linguagem e Imagem

união, harmonia, acordos. A partir do governo de Augusto (século I a.C), a Concórdia esteve associada a família imperial e seus membros.

Do mesmo modo, não podemos esquecer que a função do exército, mais do que se defender de ataques externos ao Império consistia em reprimir a dissidência interna, pois era sua presença que garantia o poder romano no interior das fronteiras do Império (FUNARI: 2002, 93).

Constantino também reduz o número das legiões para mil legionários, dissolve os pretorianos, mantêm a logística dos tetrarcas de taxaço em espécie. São criados os guardas imperiais especiais, *scholae palatinae*.

A maioria do imperadores, desde século III, se empenharam em anular o privilégio de sangue, ou seja, os antigos líderes senatoriais são afastados dos comandos do exército, o que Constantino consegue durante o seu governo, separando as funções civis das militares.

A principal conquista social do século III mantém-se no século IV, isto é, a atribuição dos postos e a própria promoção baseadas apenas no mérito. Essa mudança foi influenciada principalmente pela necessidade de ser mantida a ordem política, pois se temia que a ambição da classe senatorial incentivasse a tropa contra o governante.

Isso leva Constâncio II, filho e herdeiro político de Constantino, a nomear apenas um único oficial para o comando da infantaria e da cavalaria, no Oriente, o *magister equitum et peditum per Orientum*.

Os imperadores continuam sendo aclamados pelas tropas e, no século IV, se não levam seus deveres militares a sério, seu poder é efêmero. Muitas vezes, como nos casos de Juliano e Valentiniano I, devem a proclamação às provas previamente dadas de seu valor militar e não se

Cláudio Umpierre Carlan

afastam do exército, participam das expedições e arriscam a vida, mostrando o exemplo de virtude militar para seus subordinados.

As tropas romanas atravessaram o Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruía uma sólida defesa. As melhores representações das numárias romanas sobre as fortificações são, respectivamente, as de Constantino, portas de Trêves (Trier) contidas nas moedas de *solidus*, cunhagem em ouro, e a de seu filho e sucessor, Constâncio II.

Na coleção numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, encontramos uma variedade de moedas que reproduzem a imagem de uma fortaleza ou campo militar. Essas fortalezas teriam de ser solidamente construídas mas não fortemente defendidas, para evitar a perda de efetivo.

A riqueza iconográfica dessa fase é muito bem representada nas medalhas e moedas romanas, ocorrendo uma exaltação à pessoa, na figura do monarca, da própria política real (NIETO SORIA: 1993, 17 - 18).

Uma espécie de propaganda, de comunicação, de que todos os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento, através da visualização das peças, legitimando o poder temporal. Isto também explica as várias cidades, espalhadas por todo o território, no qual a cunhagem era realizada.

Assim, percebemos um conjunto de elementos que contribuíram para uma nova forma do Império, uma transição da Antiguidade para o período medieval muitas vezes nomeado pejorativamente como a Idade das Trevas. Entendemos que em todos os períodos há uma contribuição em vários sentidos.

Devemos lembrar também que, mesmo com a queda do Império Romano do Ocidente, há uma continuidade do Império Romano do Oriente,

preservando assim a cultura romana, portanto não há uma extinção ou ruína total da mesma.

Considerações Finais

Antiguidade Tardia, entre os séculos III ao VIII, foi um período de transformações. Na política, com estruturação após a Anarquia Militar, promovida por Diocleciano e Constantino, este último, instituindo a sucessão familiar para garantir estabilidade política.

Culturalmente, no campo da religiosidade, há o aumento de adeptos do cristianismo, porém não deixando de lado os elementos pagãos, denotando assim, um sincretismo religioso. Ainda neste sentido, a agregação de povos bárbaros na sociedade romana participando do exército, da política e contribuindo também nos aspectos culturais que a nosso ver, é consequência da convivência entre estes povos.

Em nossos estudos, percebemos a importância das moedas como fonte para análise deste período. A iconografia pode nos trazer várias informações relevantes, e só têm a contribuir para o estudo dos vários períodos da História. As imagens podem nos trazer aspectos interessantes da cultura, não somente a romana, mas também a nossa que absorveu vários costumes romanos. Elas também expressam sentimentos, uma ideologia e legitima o poder de um determinado governante.

Deste modo, entendemos que a importância de estudá-las e tomá-las como fontes é algo enriquecedor e nos traz informações que contribuem para o entendimento das sociedades antigas, e consequentemente o entendimento da nossa cultura e nossa sociedade.

Cláudio Umpierre Carlan

Agradecimentos

Aos amigos e colegas do Centro do Pensamento Antigo da UNICAMP, em especial a Pedro Paulo Funari e Hector Benoit, pela oportunidade de trocarmos ideias: Margarida Maria de Carvalho, Maria Beatriz Florenzano, Ciro Flamarion Santana Cardoso (in memoriam), Vera Lúcia Tostes, Eliane Ney, Rejane Vieira, Paula Aranha e Wellington Lima. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Moedas do imperador Constantino I, o grande. Medalheiro de Número 3, gavetas 24; lâmina de número 2. Acervo do Museu Histórico Nacional / RJ.

Fontes Impressas

AMMIANO MARCELLINO. *Historia (Rerum Gestarum Libri)*. Edição de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid:Akal, 2002.

LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

Fontes Numismáticas

Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Medalheiro 2, lâmina 7. Coleção Numismática do Museu de Berlim

Disponível em: < <http://www.smb.museum/ikmk/index.php?lang=en>> Último acesso em: 27 de janeiro de 2014.

Textos de Internet

CARLAN, Cláudio Umpierre; RABÊLO, Lalaine. *Cultura e poder em Roma: o modelo da Antiguidade Tardia*. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica, v.7, n.1, ano IV, 2011. Disponível em: <www.antiguidadeclassica.com> Último acesso em: 11 de janeiro de 2014.

Catálogos e Dicionários

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

LE GOFF, Jacques. *Memória-História*. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”, “Passado/Presente”, “Idades Místicas”, “Antigo/ Moderno”, “Decadência”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

Referências

BROWN, Peter. *O Fim do Mundo Clássico*. De Marco Aurélio a Maomé. Tradução de Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BRUUN, Patrick. *Studies in Constantinian Numismatics*. Papers from 1954 to 1988. Acta Instituti Romani Finlandiae. V. 12. Rome: Illus, 1991.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500 – 1800*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Linguagem e Imagem

- CARLAN, Cláudio Umpierre. CARVALHO, Margarida Maria de. FUNARI, Pedro Paulo. *História Militar do Mundo Antigo*. Volume 1. São Paulo: Annablume, 2011.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- CARVALHO, Margarida Maria de. *Paidéia e Retórica no século IV d.C.: A construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CLAIN - STEFANELLI, Elvira E. *Numismatic Bibliography*, Monaco, Battenberg, 1984.
- CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*. pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A Vida Cotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e História. Tradução de Federico Carotti. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRIERSON, Philip. *Bibliographie numismatique*, Bruxelles: CEN (Cercle d'études numismatiques, travaux 9). 2a. Edizione, 1979.
- NIETO SORIA, Jose Manuel. *Ceremonias de La Realeza. Propaganda y Legitimacion en La Castilla Trastámara*. Madrid: Editorial Nerea, 1993.